

**O PODER DA PALAVRA: PRÁTICAS DE CURA E MEMÓRIAS DE
REZADEIRAS.**

Andrea Carla Rodrigues Theotônio

Mestranda – PPGH/UFCG

dealuis@hotmail.com

Marinalva Vilar de Lima

Orientadora – PPGH/UFCG

Para observarmos melhor o universo das rezadeiras é preciso voltar nossa atenção para as práticas de reza, afinal é em torno delas que as rezadeiras e aqueles que são “beneficiados” se congregam. A reza exige essa presença, só estabelece um sentido e é completada diante daquele que se apresenta à rezadeira para ser rezado, com o objetivo de alcançar um benefício com esse encontro. Assim, a reza é uma linguagem oral e gestual com a qual algumas pessoas portadoras de um saber especial – as rezadeiras – proporcionam o alívio a quem sofre de algum tipo de mal. Rezar é garantir a continuidade da harmonia com o próprio corpo, é debelar o mal que incomoda e restabelecer a saúde. No entanto essa harmonia não diz respeito apenas às sensações físicas, mas a um bem estar em relação ao espaço em volta, ficar livre da doença é poder continuar a vida e um contato direto com a natureza: a água, as lavouras, os animais.

Essa prática de cura se completa apenas com a junção de três elementos essenciais: a rezadeira, aquele que é rezado e a palavra portadora da cura. Ainda que a reza utilize outros elementos como a água ou o ramo, a palavra é o centro da prática. A reza carrega na força da palavra a atitude de retirar o mal e proporcionar o bem-estar. Podemos constatar essa afirmação seja nas rezas, onde a palavra é o imperativo para a cura, quando o objetivo é anular, cortar, debelar o mal sobre o qual a rezadeira quer vencer:

Quando vai curar aquele vento caído pega assim, nos pezinhos e na cabecinha do menino: Nossa Senhora teve Jesus para salvar, Eu te curo (fulano) para sarar. E bate com a cabecinha dele na rodilha, devagar, E pronto, melhora.ⁱ

Também nas observações sobre o ofício de rezar:

Eu só uso mesmo a palavra. Cada doença carece de uma reza diferente. Ah! No mal olhado ocupa ramo. Mas num pode ser qualquer ramo não, num é todo ramo que presta.ⁱⁱ

O ato de rezar que é uma forma de dirigir ao outro um enunciado com uma determinada intenção, proporcionar o fim da doença, forma um conjunto de significados que são partilhados pela rezadeira e por aquele que é rezado. Assim, o ritual da reza se organiza de modo a dialogar com as diferentes forças sociais, que ora afirmam modelos tradicionais como à preservação das heranças recebidas dos antepassados, ora ultrapassa essas heranças, reelaborando novas rezas, incorporando plantas medicinais, e imprimindo a cada ocasião de reza significados novos, pois os sujeitos que vivenciam esse momento são únicos.

O ramo é uma referência a plantas que são usadas como uma espécie de pequeno ramalhete, composta de três galhos, que é passado sobre aquele que é rezado durante a reza pelas mãos da rezadeira. Não conseguimos perceber um padrão para a utilização desse ramo, algumas rezadeiras só recomendam o uso de “arruda” ou “pinhão roxo”, pois afirmam que essas plantas têm o poder de afugentar o mau olhado. Outras rezadeiras usam qualquer tipo de galho como ramo, geralmente plantas com potenciais terapêuticos conhecidos como a “malva-rosa”, o “alecrim”, a “arruda”, o “sabugueiro”.ⁱⁱⁱ

Qualquer ramo serve para rezar. Agora tem gente que não reza com todo tipo de ramo. Comigo não tem isso não, se tiver pinhão ou arruda a gente reza, se não, qualquer ramo serve. Rezo com o que tiver, só tem que ser verde, mas nem toda reza carece não, deve ser sempre três ramos, só num pode dois porque é par.^{iv}

Nas comunidades rurais onde vigora uma vivência do sagrado que relaciona com maior sensibilidade os homens e a natureza – o ofício da reza está também associado aos conhecimentos das plantas medicinais e não é raro após essa prática a rezadeira ensinar um remédio caseiro com base nas plantas medicinais mais comuns da região.

Depois da reza num tem muitas recomendação não, a pessoa tem que ter fé no poder da palavra. As vezes acontecia o seguinte, a criança vinha com vento caído, então eu ensinava a dar um banho com água ferrada, ou então o chá da imbaúba. Ou ás vezes eu ensinava uns banhos cheirosos, porque se bem não fizer, mal é que não vai fazer.^v

Esse conhecimento sobre as plantas e sua indicação para cada tipo de doença é mais um atributo que garante a rezadeira seu espaço de respeitabilidade dentro da comunidade. Não é qualquer pessoa que pode rezar, as rezadeiras são referências para a comunidade na qual estão inseridas, não apenas pelo saber das rezas, que só lhe foi garantido através de um processo de iniciação e aprendizado, que detalharemos a seguir. Mas, elas são também vistas como conselheiras, atentas a dinâmica da vida cotidiana estão sempre disponíveis a ouvir e aconselhar nos problemas familiares, amorosos e de saúde. Assim, é comum as rezadeiras serem procuradas para auxiliar não apenas em favor de acabar com um mal físico ou uma dor latente, mas para ouvir as angústias, tornam-se receptivas aos desabafos das inquietações mais íntimas.

Nesse sentido, a tarefa de rezar é considerada um privilégio e um compromisso, primeiro porque as rezadeiras percebem que a sua atuação é um dom divino, muitas afirmam “É Deus quem cura, a pessoa deve é ter fé na reza”, e se preocupam sempre em agradecer esse privilégio que receberam.

Segundo Núbia Pereira Gomes a constatação desse privilégio impõe certas obrigações:

O empréstimo da palavra divina e a mediação são aspectos que revelam aos rezadores o estatuto temporário de suas atividades, pois exercem essas funções ao longo de suas vidas, mas chegado o momento de fazer a passagem deste para o outro mundo torna-se necessário deixar aqui na terra os herdeiros dessa tarefa sagrada.^{vi}

Há uma preocupação das rezadeiras em deixar com outros os seus conhecimentos, D. Bernadete assim expressa esse desejo “aqui tem que ensinar pra num se perder no tempo”. Essas questões se tornam mais claras quando o processo de iniciação é observado, pois o aprendizado não é feito de forma aleatória e descontínua, segue regras que a rezadeira que se dispõe a ensinar para a iniciada com cautela e

precisão. Para realizar os rituais de cura é necessário aprender, através da iniciação, os procedimentos e os valores que lhes dão sentido. Vejamos algumas narrativas sobre o aprendizado das rezadeiras:

Aprendi faz muitos anos, era menina ainda, no sítio que eu morava, era numa grotta e a mulher que me ensinava era uma velhinha e eu ia todo dia na casa dela.^{vii}

Aprendi a rezar com uma mulher que já morreu o nome dela era Jezebel, ela morava num alto perto da casa de meu pai. Toda tarde eu ia lá, como quem tava aprendendo a ler. Todo dia ia eu e minha irmã, mas minha irmã morreu quando era moça ainda...(longa pausa) E aí eu quis mesmo aprender.^{viii}

Rezo desde que mãe morreu, já faz muito tempo, ela rezava de um tudo e eu ficava ali só no meu cantinho, ouvindo tudo, depois ela me ensinou mais umas coisas.^{ix}

O processo de iniciação pode ser pela transmissão de alguém da família que já rezava seja a mãe, tia, madrinha ou uma rezadeira da própria redondeza. Mas, essas mulheres, mesmo tendo sido ensinadas por outras, sentiam-se chamadas para aprender esse ofício, têm consciência que receberam um tributo – o poder de curar e com ele um novo papel dentro do seu espaço. Mas, também dedicam seu tempo e têm que administrá-lo de modo a atender sempre aqueles que as procuram. D. Creuza lembra da rotina diária em que as rezas ocupavam também seu espaço.

Agora rezo pouco, mas minha casa era cheia. Tinha dia que eu lavava roupa, quando vinha engomar, aquele mundão de roupa, num quarto que tinha ali, bem atrás, era preciso parar num sei quantas vez para atender o povo, era mais criança que eu rezava.^x

Algumas das rezadeiras informam regras para o processo de iniciação, é preciso que a pessoa que vai se iniciar “tenha a cabeça boa” para guardar as rezas correspondentes a cada doença sem confundi-las, pois esse deslize quebraria a eficácia da reza. Uma recomendação é quanto ao horário em que são realizadas as rezas, D. Bernadete diz que não se pode ensinar nada de noite, muito menos as rezas. “Não se reza depois do pôr do sol, porque o sol vai se pondo aí se você vem se curar, aí o sol vai levando a reza e num serve mais.”

Sobre esse processo de iniciação não encontramos referências na literatura sobre o tema. Entre os folcloristas que tematizaram essa questão identificamos uma visão pejorativa que delimita os benzedores num sentido de credices e superstições. Nos deteremos um pouco sobre esta questão.

As práticas de rezas foram vistas por matizes diferentes e explicadas pelos folcloristas como exemplos de misturas de tradições portuguesas, índias e africanas. Em grande parte da literatura folclorista o centro da abordagem é apenas a repetição da reza, dos ensalmos, e das rimas. Além disso, era importante realizar um mapeamento de quais rezas aparecem, suas semelhanças e variações. Encontram-se então coletâneas de folclore de uma determinada região ou estado do Brasil, onde aparecem enumerados no plano da religiosidade, como nas festas dos santos populares e nas credices e superstições. Dentre estas, timidamente conduzidas pela figura do rezador ou benzedor, uma mistura de rezas, orações, simpatias que se apresentam como frutos da ignorância dos que as utilizam.

Permeava esses trabalhos uma visão que determinava espaços opostos, antagônicos para a medicina e as práticas populares de cura. Segundo Eduardo Campos era o sertanejo que distante da civilização e inculto se dedicava a práticas arcaicas, para as quais a medicina moderna almejava um fim. Esse isolamento colaborava para deixar o sertanejo “entregue à prática de uma medicina popular, danosa quase sempre, de par com a magia primitiva, credices e superstições”.^{xi}

Os benzedores ou rezadores são apresentados com funções bem definidas: deveriam fazer aparecer objetos perdidos, encaminharem reses ao curral, curar aqueles que careciam de cuidados médicos. Apresentavam-se como possuidores de um poder que não deveria ser dividido, pois se negavam a ensinar os seus conhecimentos a outros por temerem perder seus poderes. E preocupavam-se em propagar as curas já realizadas com o intuito de comprovar a eficácia do seu poder. Como não havia uma preocupação por parte dos folcloristas na pessoa do benzedor ou rezador, não há informações sobre o processo de iniciação, as recomendações ou as estratégias que eram utilizadas para cada grupo de rezas. Na visão de Eduardo Campos, “o benzedor obedece simplesmente seu próprio instinto; de ser, na velhice, um feiticeiro de poderes mágicos, porque desde a

infância lhe assiste a vocação irresistível de curar os que precisam de seu auxílio”^{xii} Por outro lado, um grande número de rezas foi compilado em suas obras.

A crença nas rezas era atribuída a uma formação religiosa falha, incompleta do sertanejo. A Igreja Católica não investia no acompanhamento da vida dos devotos, fazendo-se presente apenas em ocasiões esparsas na administração dos sacramentos, (em especial batismos, casamentos) e nas festividades aos santos padroeiros, o que na visão de Eduardo Campos favorecia o florescimento dos benzedores no interior.

As rezas geralmente se destinam a tipos especiais de doenças, cujo ciclo tem uma duração específica. Como a repetição faz parte do processo - e é quase sempre necessário repetir a reza três vezes, durante dias determinados pela rezadeira – a cura se liga ao próprio tempo de desaparecimento normal da enfermidade. Podemos considerar como doenças de duração específica manifestações dermatológicas, os processos inflamatórios e os distúrbios que são conseqüências de um acidente. A “erisipela”, também chamada de “mal de monte” ou “mal de munturo”, o “cobreiro” e a “impigem” são manifestações dermatológicas para as quais encontramos um conjunto de rezas específicas. Dentre os processos inflamatórios rezados temos: dor de dente, unheiro, terçol, “bicheira”. Outras doenças decorrem de uma ação determinante: engasgo, queimadura, argueiro no olho, “destroncamentos” ou “desmentiduras”.

Além dessas enfermidades, conhecidas por sua autolimitação, existem outras de identificação mais complexa, como a “espinhela caída”, “mau olhado” e “quebranto”. Muitas vezes de origem psíquica, como uma manifestação externa das dificuldades de integração do homem e da mulher ao seu contexto, mostram sintomas como medo, angústia, tendência ao isolamento. As rezadeiras conhecem uma grande variedade de rezas destinadas à essas doenças, no entanto nem todas são atualmente vivenciadas. O que pode ser percebido nos relatos que as mulheres enunciam sobre as rezas mais procuradas no seu cotidiano, tais como: “espinhela caída”, “olhado”, “desmentidura”, dor de cabeça, dor de dente. Por outro lado apontam aquelas raramente feitas como: as rezas contra “bicheira de gado” e mordida de cobra.

É possível, a partir das narrativas das rezadeiras, listar as doenças para as quais existe uma reza específica. Além disso, apontar as estratégias de cura que são utilizadas

em cada conjunto de rezas através dos exemplos de rezas disponibilizadas pelas rezadeiras:

Rezo muitas coisas, muitas doenças, mal olhado, dor. São muitas rezinhas, de cada doença é uma reza.^{xiii}

Faz muitos anos que eu rezo. Comecei a rezar depois que me casei. Rezava olhado, vento caído, dor de cabeça, mal de munturo, espinhela caída. Agora rezo pouco, mas minha casa era cheia.^{xiv}

Rezo desde que mãe morreu... Faz tempo... Rezo mau-olhado, espinhela caída, mal de monte, dor de dente. Ah, eu rezo também engasgo e desmentidura que vai cosendo para melhorar. E tem a reza da mulher quando tá para parir, essa eu não aprendi. Mãe rezava e eu me desocupava ligeiro.^{xv}

Além de possibilitar enumerar a quantidade de rezas, as narrativas acima apresentam uma densidade que nos releva outros aspectos do ofício da rezadeira. No trecho da entrevista com D. Creuza percebemos um tom de saudade dos tempos em que ela rezava mais, pois hoje não atua com a mesma intensidade.

Em relação à maneira como as rezadeiras fazem à identificação das doenças o que conta, no geral, é a sensibilidade da rezadeira, além da experiência de já ter rezado inúmeras vezes, mesmo tendo em vista que cada ocasião é uma nova reza. A rezadeira desconfia que a pessoa está com a espinhela caída pela postura que esta apresenta e se há reclamação sobre dores na “boca do estômago” ou no peito. Essa identificação que em outros procedimentos de cura seria chamada de diagnóstico é feita a partir dos sintomas apresentados pela pessoa que “reclama do mal”. Um mal que possui um procedimento específico de identificação, realizado antes da reza, é a espinhela caída. Nesse caso utiliza-se um cordão que funciona como instrumento de medida. Segue-se as etapas: primeiro com o cordão mede-se a distância entre o dedo mínimo e o cotovelo, com esta medida em dobro, verifica-se a circunferência do abdômen. As medidas devem coincidir, caso contrário a pessoa está com a espinhela caída e necessita da reza.

É o princípio de harmonia que o corpo deve respeitar. Evidência de uma visão de saúde que se espelha na integridade do corpo; quando a doença aparece é porque o corpo foi fragmentado de alguma maneira, segundo Núbia Pereira Gomes: “Se o corpo não funciona bem, rompe-se a unidade e a doença é exatamente a manifestação de

desequilíbrio causado pela não participação de um elemento na harmonia do conjunto”.^{xvi}

Assim, quando ao verificar que a harmonia não está perfeita, a rezadeira diz as palavras certas, repete os gestos que compõem o ritual e pretende reconstruir a unidade.

Ancorados nessas informações, optamos por mostrar as práticas de reza, com as seguintes estruturas: a descrição da doença, seus sintomas e as estratégias ou intervenções que constituem as fórmulas para obter a cura. Observemos como existe uma grande quantidade de práticas de rezas que são narradas pelas mulheres. Buscamos relacionar essas rezas vivenciadas em nosso espaço de pesquisa com outras referências encontradas na literatura sobre o tema. Para a discussão neste artigo optamos por apresentar apenas rezas referentes ao quebranto.

Quebranto / mau olhado – É o mal para o qual encontramos a maior quantidade de fórmulas e recomendações. Uma destas recomendações sugere a estratégia de recorrer a três rezadeiras diferentes para o ritual da reza, é importante que nenhuma rezadeira saiba da atuação da outra rezando uma mesma pessoa, isso é justificado como pressuposto para consolidar a eficácia da prática.

Há uma particularidade que envolve o mau olhado e o quebranto, algumas rezadeiras identificam como sendo uma só doença causada pelo “olho maléfico, invejoso” de outro sobre a pessoa que passa, a partir daí a apresentar sinais de desânimo, falta de apetite, vontade de se isolar dos parentes e amigos, aparência cansada, fadigada. Outras fazem uma diferença afirmando ser o olhado uma coisa, a ação de outra pessoa que impõem, deseja o mal através do olhar e definem o quebrante como sendo uma angústia, um desengano que afeta a pessoa sem a participação direta de outra.

Vejamos a descrição do Dicionário de Folclore Brasileiro para olhado: “Alteração da saúde causada por influências de olhos maus. Quebranto, feitiço, olho, mau olho”^{xvii}. Na mesma obra há uma definição para quebranto:

No Brasil, implica sempre a influência exterior maléfica do feitiço, do mau-olhado, as forças contrárias. O mesmo que olhado... É o desfalecimento, pródromo de estado infeccioso agudo, languidez, mau

olhado. O quebranto era considerado doença, espécie mórbida individualizada, naqueles tempos. O quebranto é muitas vezes mal perigoso, por ser feito de uma qualidade venenosa, que subitamente ofende os fascinados, a cujos danos ordinariamente se não acode com os remédios de que necessita o quebranto excita febres, dores de cabeça e outros sintomas que representarão uma doença de aspecto grave.^{xviii}

Vemos então que há uma semelhança entre esses dois termos; nas rezas para curar o olho o número três aparece de forma constante, auxiliando na retirada do mal. O número par é sinal de divisão, metade, imperfeição. A referência ao dois na reza corresponde aos dois olhos capazes de *botar o olho*. Esse efeito é anulado com a contraposição ao número três, que representa as três pessoas da Santíssima Trindade, aos três dias que antecederam a Ressurreição de Cristo, aos três dias passados por Jonas na barriga da baleia, além dessas referências bíblicas, temos a simbologia dos três ramos usados na reza.

Vejamos a seguinte reza narrada por D. Creuza para o mau olho:

A minha reza de olho é assim: Eu faço pelo sinal da cruz, aí eu rezo o creio em Deus, depois eu rezo um mistério do terço. Então oferecia. E para o olho eu dizia assim, (Fulano, o nome da pessoa, tá) estou te curando. Com dois te botaram, com três eu te curo na graça do divino Espírito Santo. Se te botaram no comer, no olhar, na carne, no sangue. Se te botaram na tua esperteza, no teu magrem, na tua gordura, no teu olhar, no teu sorriso, no teu comer, no teu café, na tua alegria, na tua tristeza. Todo olho que tiver no corpo de fulano, todo quebranto e olho (aí eu passava o ramo na pessoa) vai para as ondas do mar sagrado para nunca mais voltar. Oferecia ao menino Jesus (quando era uma criança), ao meu Padrinho Cicho e a Virgem da Conceição (passando o ramo na cabeça da pessoa). Depois oferecia a reza às Chagas de Nosso Senhor e a Virgindade de Maria Santíssima^{xix}.

Nessa narrativa é possível perceber todo o ritual da reza: as orações que marcam o início junto com o gesto do sinal da cruz, a reza destinada a debelar o mau olho, a qual é ordenada a saída para um local específico *o mar sagrado*, que tem o poder de anular todos os males. Ao reelaborar a reza, na presença daquele que apresenta o mal, o ramo é passado para simbolizar o ato de retirar tudo o que prejudica – *todo quebranto e*

olhado. Para finalizar o oferecimento como uma invocação para confirmar a proteção e presença dos santos protetores – *Padrinho Ciço e a Virgem da Conceição*.

Vejam os a reza que é narrada por D. Bernadete, também para *olhado*, onde reaparecem os elementos referentes ao local onde o mal será desterrado, *o mar sagrado*, ou um lugar tão distante “*onde não se ouça nem o galo cantar*”:

Ana teve Maria
Maria teve Jesus
Filho da Virgem Maria
(Fulano) se tu tinhas mal *olhado*
Por que não me disseste?
Do teu corpo eu o tiraria
Olhado quebrante, olhar excomungado
Afastai-vos do corpo de (Fulano)
Para as ondas do mar sagrado
Ide pra algum lugar
Onde não se ouça nem o galo cantar. ^{xx}

É importante observar a força da palavra, sempre com uma ordem direta ao mal, no sentido de tirá-lo de perto da pessoa doente “*Olhado quebrante, olhar excomungado, afastai-vos do corpo de (fulano)*”, é uma ordem direta, objetiva. ^{xxi}

ⁱ Trecho de entrevista com D. Margarida realizada na Chã de Jardim, Areia - PB no dia 26 de fevereiro de 2009.

ⁱⁱ Trecho de entrevista com D. Bernadete, já citada anteriormente.

ⁱⁱⁱ Plantas medicinais conhecidas na região e de uso constante em remédios caseiros, ensinados ou não pelas rezadeiras.

^{iv} Trecho de entrevista com D. Creuza, já citada anteriormente.

^v Trecho de entrevista com D. Creuza, já citada anteriormente.

^{vi} GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilson. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. 2ª edição. Belo horizonte. Mazza Edições, 2004. p. 39.

^{vii} Trecho de entrevista com D. Creuza, já citada anteriormente.

^{viii} Trecho de entrevista com D. Margarida, já citada anteriormente.

^{ix} Trecho de entrevista com D. Bernadete, já citada anteriormente.

^x Trecho de entrevista com D. Creuza, já citada anteriormente.

^{xi} CAMPOS, Eduardo. Medicina Popular no Nordeste. Superstições, credences e mezinhas. Rio de Janeiro: Edições O cruzeiro, 1967. p. 25.

^{xii} CAMPOS, Op. Cit. p.111.

^{xiii} Trecho de entrevista com D. Querú, realizada em Areia – PB no dia 14 de março de 2006.

^{xiv} Trecho de entrevista com D. Creuza, já citada anteriormente.

^{xv} Trecho de entrevista com D. Bernadete, já citada anteriormente.

^{xvi} GOMES, Op. cit. p. 45.

^{xvii} CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Melhoramentos, 1979. p. 540.

^{xviii} CASCUDO, Op. cit. p. 657.

^{xix} Trecho de entrevista com D. Creuza, já citada anteriormente.

^{xx} Trecho de entrevista com D. Bernadete, já citada anteriormente.

^{xxi} Podemos observar esta mesma estratégia de intervenção sobre o mau olhar nas seguintes rezas: “Com dois te botaram / com três eu te tiro / com as forças de Deus / olhado se home ou muié / é de ser arretirado/ oh! Meu Deus / e a Virgem Maria é de ser arretirado esse olhado / com os poder de Deus e a Virgem Maria / se for bicha de ser virada /se for purmão de ser virado / com os poder de Deus/ e da Virgem Maria/ deve ser arretirado”(CAMARGO, 1976, p. 33). “Sua mãe que te ganhou/ Ela que te criou/ E há de criar/ Ou do pai ou da mãe/ Dois que põe, três que tira/ Um pai Nosso com uma Ave Maria/ Quem te livra do quebranto, olhado, peste e dor de barriga” (GOMES, 2004, p. 156)

Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução: Yara Frateschi Vieira, 2ª. Ed., São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BLOCH, Marc. Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

BURKE, Peter. A cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMPOS, Eduardo. Medicina popular do nordeste. Superstições, crendices e mezinhas. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

_____. Antologia do Folclore Brasileiro. São Paulo. Ed. Livraria Martins, 1956. 2º volume.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves, 2ª. Ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilsom de Almeida. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. Belo horizonte: Mazza Edições, 2004.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MEDEIROS, Coriolano de. Superstições Parahybanas. In. Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, João Pessoa, 1910. vol. 2.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. O que é Benzeção? São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História. São Paulo: EDUSC, nº 14, 1997.

SANT'ANA, Elma e SEGGIARO, Delizabete. Benzedoiras e Benzeduras. Porto Alegre: Ed. Alcance, 2008.